



**INTERCONEXÃO ENTRE CULTURA E NATUREZA NO ROMANCE
FAREJADOR DE ÁGUAS, DE MARIA JOSÉ SILVEIRA:
APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

**THE INTERCONNECTION BETWEEN CULTURE AND NATURE IN
THE NOVEL *FAREJADOR DE ÁGUAS***

Karla Christina Claudino¹

José Elias Pinheiro Neto²

Resumo: O artigo analisa a interconexão entre cultura e natureza na formação da personagem José Minino, no romance *Farejador de águas* (2023), da autora Maria José Silveira. O texto da autora, ao descrever a relação da personagem com o ambiente natural, especificamente com os rios, explora como a natureza vai além de um cenário físico, um elemento simbólico e cultural. Através da análise da relação de José Minino com a água e o ambiente busca-se demonstrar como ele personifica a união entre esses dois domínios desafiando a separação entre natureza e cultura. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica. A partir das análises críticas de Galeano (1979), o artigo reflete sobre a exploração histórica dos recursos naturais e como esses elementos podem representar tanto a opressão quanto a resistência. Os pensamentos de Latour (1994) oferecem uma visão sobre a relação indissociável entre natureza e cultura, fundamental para compreender como o ambiente natural atua como um agente ativo na construção das relações sociais e culturais. A definição de cultura como um sistema dinâmico de significados e práticas apresentada por Roque Laraia (2007) contribui para a compreensão de como a identidade de José Minino se constrói a partir de uma contínua integração com seu ambiente cultural e natural.

Palavras-chave: Personagem, ambiente, água.

Abstract: The article analyzes the interconnection between culture and nature in the development of the character José Minino in the novel *Farejador de Águas* (2023), by Maria José Silveira. The author's text, when describing the character's relationship with the natural environment, specifically with the rivers, explores how nature goes beyond a physical setting to a symbolic and cultural element. Through the analysis of José Minino's relationship with water and the environment, the aim is to demonstrate how he personifies the union between these two domains, challenging the separation between nature and culture. The methodology adopted consists of a bibliographic review. Based on Galeano's (1979) critical analyses, the article reflects on the historical exploitation of natural resources and how these elements can represent both oppression and resistance. Latour's (1994) ideas provide a perspective on the inseparable relationship between nature and culture, essential for understanding how the natural environment acts as an active agent in the construction of social and cultural relations. Roque Laraia's (2007) definition of culture as a dynamic system of meanings and practices contributes to the

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). ckarlachristina@aluno.ueg.br

² Docente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). jose.pinheiro@ueg.br



understanding of how José Minino's identity is constructed through continuous integration with his cultural and natural environment.

Keywords: Character, environment, water.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea, e em particular as obras que exploram a relação entre o ser humano e o ambiente, apresenta amplas possibilidades para investigar como as dimensões culturais e naturais estão profundamente relacionadas. Em *Farejador de águas* (2023), a autora Maria José Silveira constrói uma narrativa que reflete os destinos de cada personagem e sobre os conflitos sociais e ambientais de um Brasil marcado por desigualdades e relações de poder.

O artigo busca destacar como o romance *Farejador de águas* oferece uma abordagem sobre a interseção entre literatura e questões socioambientais, ao integrar a água como um elemento simbólico que transcende seu papel natural para representar histórias de luta, memória e transformação cultural. A pesquisa aponta a importância de considerar como as relações de poder e desigualdades se desdobram na interação entre as personagens e seu ambiente, apontando para a relevância dessas narrativas no contexto contemporâneo.

A atribuição da natureza, especificamente da água, como força cultural e histórica, é essencial para a compreensão da dinâmica de poder e identidade na narrativa. Em *As veias abertas da América Latina* (1979), de Eduardo Galeano, pode-se observar como os recursos naturais, especialmente os corpos d'água, têm sido historicamente explorados e manipulados, sendo também símbolos de resistência e dominação. O autor oferece uma perspectiva crucial para entender como a natureza, nesse processo de formação, é também vítima de uma história de dominação e exploração.

As perspectivas de Bruno Latour, em *Jamais fomos modernos* (1994), oferecem a compreensão de como a cultura e a natureza não são categorias separadas, mas misturadas, com a natureza sendo tratada como um ator social que interage ativamente nas construções culturais e nas relações de poder.

O texto *Cultura: um conceito antropológico* de Roque Laraia (2007) oferece uma definição de cultura como um sistema dinâmico e plural de significados, práticas e formas de vida compartilhadas por um grupo social, ela não é algo fixo ou unidimensional, mas um processo constante de adaptação e transformação.



CULTURA E NATUREZA EM *FAREJADOR DE ÁGUAS*

O romance *Farejador de águas* se inclui em uma tradição literária que questiona as relações entre a cultura humana e o ambiente natural, tratando de maneira complexa os elementos naturais, especificamente a água, como agentes que moldam as identidades e trajetórias das personagens.

Roque de Barros Laraia em *Cultura: Um conceito antropológico* (2007), explora a evolução do conceito de cultura desde as ideias iluministas até os autores modernos. O autor destaca a contribuição de Edward Tylor, que definiu cultura como aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

A origem da cultura é uma questão central na antropologia, com diversas teorias buscando explicar como os seres humanos adquiriram essa característica que os diferencia de outros animais. Uma dessas teorias associa o surgimento da cultura ao desenvolvimento do cérebro humano, modificado pelo processo evolutivo dos primatas. Para responder sobre como o homem adquiriu cultura e o diferenciou dos outros animais, Laraia (2007, p. 53) escreve:

Uma resposta simplificada da questão seria a de que o homem adquiriu, ou melhor, produziu cultura a partir do momento em que seu cérebro, modificado pelo processo evolutivo dos primatas, foi capaz de assim proceder. Não resta dúvida de que se trata de uma resposta insatisfatória, com um odor tautológico, e que não deixa de nos conduzir a uma outra pergunta: mas como e por que modificou-se o cérebro do primata, a ponto de atingir a dimensão e a complexidade que permitiram o aparecimento do homem?

O autor ainda mostra como os indivíduos participam de formas diferentes na cultura de suas sociedades. Ele menciona as diferentes expectativas e papéis que homens e mulheres desempenham em várias culturas, desafiando a ideia de que essas diferenças são determinadas biologicamente. A cultura não é estática, está sempre mudando, seja através das transformações tecnológicas, interações com outras culturas ou mudanças sociais.

O tempo constitui um elemento importante na análise de uma cultura. Nesse mesmo quarto de século, mudaram-se os padrões de beleza. Regras morais que eram vigentes passaram a ser consideradas nulas: hoje uma jovem pode fumar em público sem que a sua reputação seja ferida. Ao contrário de sua mãe, pode ceder um beijo ao namorado em plena luz do dia. Tais fatos atestam que as mudanças de costumes são bastante comuns. Entretanto, elas não ocorrem cora a tranquilidade que descrevemos. Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras (Laraia, 2007, p. 99).



O romance *Farejador de águas*, narra a história protagonizada por José Minino, garoto órfão, criado por uma mulher indígena, que resolve abandonar as terras deixadas pelos pais, em Goiás, para acompanhar a Coluna Prestes, um movimento revoltoso organizado por tenentistas que percorreu o Brasil entre, 1925 e 1927, combatendo as tropas dos governos de Artur Bernardes e Washington Luís durante a Primeira República. Enquanto acompanhava a Coluna conheceu Maria Branca, que mais tarde se tornaria sua companheira de lutas e ideais.

A narrativa entrelaça ficção com fatos históricos além da Coluna Prestes, a autora aborda questões como o golpe civil-militar, guerrilha do Araguaia, Marcha para o Oeste, construção de Brasília e luta pela terra. Apresenta personagens reais como Siqueira Campos, que participou ativamente da Coluna Prestes e Santa Dica, personagem goiana que liderou um movimento social religioso e foi considerada santa por ter o dom de conversar com os anjos.

José Minino se torna uma peça importante na defesa do grupo por ter um dom peculiar, ele farejava nascentes, e com o passar dos tempos começou a farejar emboscadas. Com o fim da Coluna, Maria Branca e José Minino retornam para as terras em Goiás, onde a indígena Véia o esperava e juntos criam os filhos numa jornada que vivenciam conflitos sociais e desigualdades, destacando a importância do vínculo entre homem e natureza em contextos de luta e sobrevivência.

A cultura apresentada em *Farejador de águas* é rica e multifacetada, Maria José Silveira reflete a complexidade das interações entre o ambiente natural e tradições culturais. A construção de José Minino pode ser vista como um exemplo de como a cultura se manifesta nas práticas e percepções dos indivíduos. Ele não apenas absorve os saberes culturais de sua comunidade, mas também os transforma, criando uma relação com a natureza que transcende a simples utilidade dos recursos naturais.

A narrativa aborda temas como a importância das tradições e conhecimentos indígenas, principalmente por intermédio da personagem Véia, que transmite suas sabedorias e práticas ancestrais para seu neto, José Minino e para seus bisnetos. Um de seus ensinamentos é quando o bisneto Nestor chegou na venda e descobriu que o dono, seu Dema, havia cometido suicídio. O menino queria contar para todos o que vira, e Véia, observando o comportamento da criança, o chamou:

[...] A Véia só vendo aquilo, os tremores e a contação de como os cachorros o levaram direto para o corpo do seu Dema emborcado na água avermelhada. Chamou Nestor e, mesmo não sendo curandeira nem nada, pegou firme na cabeça dele e lhe disse que continuasse contando toda a história do achamento do corpo morto quantas vezes precisasse, até não querer mais contar: "Só assim sairá do seu corpo um dos espíritos que acompanham os mortos e entrou por sua boca quando cê gritou. Não é um espírito



forte. É fraco, deve ter sido o último a sair do corpo morto e logo também sairá do seu corpo vivo, meu menino. Então, ela continuou, "vai contar pros vizim e pra quem mais cê encontrar no camim. Conte tudo, muitas vezes, até esse espírito sair junto com o ar que cê mesmo põe pra fora" (Silveira, 2023, p. 98).

Outro aspecto cultural trabalhado na narrativa é a simbologia da água, representando tanto a vida quanto a resistência. Ela é vista como um elemento natural que possui significados culturais profundos, influenciando a crença e as práticas das personagens. No dicionário de símbolos ela é definida:

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Esses três temas se encontram nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias - e as mais coerentes também (Chevalier, 2009, p. 15).

Na narrativa a água se torna um elemento essencial e está intimamente ligada à trajetória da personagem José Minino que demonstra desde o início uma conexão com o elemento, algo que vai além do vínculo físico.

Escutando pouco a voz do povoado, ele ia escutar a voz do rio, alegre e murmurante, cuja nascente será que era longe? Um dia, iria até lá.
"Ô rio: posso ir junto?"
"Vem", soava a voz fresquinha do córrego que se juntava ali às águas brincalhonas do rio.
"Vem, vem, vem", soava a voz potente das águas mais adiante, já crescendo, virando riacho.
"Vemvemvemvemvemvemvem", soava de cambulhada, ainda mais adiante, a voz potente das águas se formando, já adquirindo o jeito do rio que haveria de ser.
O Minino ainda não ia. Um dia iria. Essa era sua única certeza: um dia iria atrás do rio (Silveira, 2023, p. 14).

A água não é apenas um recurso natural, mas um símbolo de vida, transição e identidade para José Minino, ela é parte de seu sistema cultural e simbólico, e sua relação com ela é uma forma de manter a conexão com sua herança cultural, ao mesmo tempo em que se adapta às novas realidades sociais e ecológicas.

[...] sobre os rios por cujos caminhos eles iam passando. Quando dava, ia atrás dos olhos-d'água. Havia tantos por ali que era um despropósito. Minino ia se embasbacando e fazendo Maria Branca se embasbacar também. Buscavam as cachoeiras, cujo murmúrio escutavam de longe. Uma terra de muita água que fascinava inclusive os marmanjos. Mal sabiam eles que era a terra mais alta que iam ver, o berço de onde as águas escorriam para formar diversos e poderosos rios. Não tardou, Minino ficou conhecido por sua destreza de achar fontes límpidas e frias. A soldadesca brincava. Diziam que o faro dele devia ser empregado para localizar inimigos. Ele achava graça das brincadeiras. Falava: "Ninguém vai perder se esperar, que já tô aprendendo a farejar Tô fedor deles"(Silveira, 2023, p. 20).



Ele tem a companhia da água em momentos de profunda reflexão e nas transformações internas, refletindo sua busca por pertencimento e sua relação com o mundo ao seu redor. Ao receber a notícia de que os militares haviam deposto o presidente Jango, numa tentativa de tentar entender o que isso significaria, José Minino “ia sentar na beira de seu rio para desanuviar a cabeça e tentar entender o que estava acontecendo, mas agora as águas, que estavam mudas, mudas ficaram” (Silveira, 2023, p. 149).

Sua proximidade com a água reflete uma sensibilidade quase mística, como se ele fosse parte de um ciclo maior, as águas carregam não só os elementos naturais, mas sentimentos e as histórias que moldam sua vida e o conectam com o passado e o futuro.

A personagem José Minino não é moldada apenas pela cultura ou pela natureza; ela é o produto da interação constante de ambos. Sua relação com a água, elemento central na narrativa, e que não é apenas um cenário passivo onde os eventos se desenrolam, exemplifica essa interconexão, José Minino não se vê separado da natureza, mas como parte integrante dela. Ele não apenas absorve os saberes culturais de sua comunidade, mas também os transforma, criando uma relação com a natureza que transcende a simples utilidade dos recursos naturais.

A INTERCONEXÃO ENTRE CULTURA E NATUREZA EM *FAREJADOR DE ÁGUAS*

Em *Farejador de águas*, a natureza, especialmente a água, é retratada não apenas como um recurso físico, mas como um agente simbólico carregado de significados culturais e históricos. Para compreender a simbologia da água no texto, é importante considerar *As veias Abertas da América Latina* (1979) de Eduardo Galeano, que discute como os recursos naturais da América Latina foram sistematicamente explorados e transformados em símbolos de opressão e resistência.

Eduardo Galeano (1979) apresenta uma análise crítica sobre o subdesenvolvimento na América Latina, argumentando que este não é um estado característico da região, mas sim um produto direto do capitalismo mundial. Ele revela que a história da América Latina está intrinsecamente ligada à exploração da natureza, um processo que conforme o autor, apagou as memórias e identidades culturais de muitas populações nativas.

Para os que concebem a História como uma disputa, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já se disse, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a



prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial e neo-colonial, o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno. [...] A chuva que irriga os centros do poder imperialista afoga os vastos subúrbios do sistema. Do mesmo modo, e simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes - dominantes para dentro, dominadas de fora é a maldição de nossas multidões, condenadas a uma vida de bestas de carga (Galeano, 1979, p.14).

A construção de José Minino também conecta com a história de exploração e resistência. Sua relação com a água e o ambiente em que vive é um reflexo das tensões históricas que marcaram a relação do Brasil e da América Latina com seus recursos naturais.

Essa exploração não se limita a uma questão econômica, mas envolve uma colonização cultural que deixa marcas profundas nas relações sociais e no imaginário coletivo. Um exemplo disso é o apagamento dos povos indígenas, que foram afetados pelos colonizadores e tiveram suas tradições, crenças e práticas culturais sistematicamente silenciadas ou distorcidas para encaixar em um modelo de dominação. Como é apresentado no trecho do livro de Maria José Silveira:

Continua a contar, vó.

-Vou, sim. Vou contar. Os homem chegaram e queimaram nossa moradia de palha, tudim, e mataram nossos guerreiro, tudim. Sobrou pouco. Viemo pra rua. Na rua, eles não iam queimar nem matar, só olhar torto, mas sua mãe cresceu nesse medo. É que branco num gosta de índio. Tem medo ou vergonha, desprezo, culpa, tudo junto Num sei direito, mas é desse jeito que tô contando. O olho com que olham pra gente só quer escorraçar. Seu pai, não Seu pai era homem branco. Branco, mas bom. Trabalhador demais. Quis casar com sua mãe, casou. Levou a gente pra morar no rancho dele. Era um canto de fartura pra cultivar, Ficamo lá. Cultivamo. Cê nasceu lá. Até que veio os homi, outra vez dizendo que eram dono do que era nosso. Falsidade. A gente sabia, mas num teve jeito. Cabou que tivemo que sair. Seu pai tinha guardado uns teréns. Achou isto aqui pra comprar. Viemo. Mas eles já tinham a doença, isso cê sabe (Silveira, 2023, p. 139 e 140).

Em *Farejador de águas* a água, os rios, a terra e as florestas são espaços de memória e de luta, em que as personagens buscam reconectar-se com suas origens e resistir às forças que tentam apagar sua história. No cair da noite, rádio ligado, agora um dos objetos mais apreciados da casa, chegava o *slogan* do governo, motivo de grande agitação e controvérsia: “Lavrador sem terra, venha para Goiás trabalhar na sua terra, doada pelo governo” (Silveira, 2023, p. 101).

A relação de poder entre seres humanos e a natureza, abordada por Eduardo Galeano (1979), pode ser observada na narrativa de Maria José Silveira de diversas maneiras. A natureza, como símbolo de resistência, se contrapõe à ideia de esquecimento histórico e cultural funcionando como um espaço de preservação da memória. As águas, em particular, não são



apenas elementos naturais, mas testemunhas das histórias não contadas, das culturas silenciadas e de exploração e resistência.

Zé Minino ia para a beira do rio e reparava nas águas. Estavam diferentes. Diminuídas. Raquíticas. A alegre corrida de antes e a confiança de chegar a seu destino, quase desaparecidas. O rio já não lhe dizia, brincalhão e provocador, vem, vem! Passava aflito, como se envergonhado ou como quem não quer se distrair pelo caminho. Agora era Minino que provocava: "O que foi, amigo? O que aconteceu com sua água? De onde vem essa aflição que mudou sua cor? Que desolação é essa, que sofrimento? Quem tá mexendo com sua alegria?" (Silveira, 2023, p. 215).

A água é um elo entre passado e presente, carregando memórias ancestrais e ecos de lutas esquecidas, ela se torna elemento de resistência, que resiste ao esquecimento e à violência da história:

Ele perguntava, mas no fundo sabia. Se não pelo conhecimento exato do que estava acontecendo, mas pelo que via, reparava e com o coração entendia. Por toda a região vizinha, as matas antigas, aquelas árvores milenares que cresciam pouco para fora e muito para dentro, capazes de alcançar e alimentar as águas do fundo da terra e espalhá-las por tanto canto, estavam sendo freneticamente cortadas, tratores aplainando capim e arbustos, tudo sendo limpo como quem limpa um chão sujo. Ali plantavam lavouras cujas raízes, superficiais, não alimentariam mais os lençóis de água abaixo. Isso mudaria os rios e as nascentes não só de perto, mas também de longe. Do país inteiro (Silveira, 2023, p. 215 e 216).

As águas refletem a persistência, ela é uma presença viva no enredo, carregando em si a resistência das pessoas e dos povos que dela dependem. A análise de Eduardo Galeano (1979), sobre a exploração dos recursos naturais na América Latina, oferece uma lente histórica e política para compreender a simbologia da água na trama. O autor justifica que os recursos naturais, como a água, têm sido historicamente manipulados tanto como fontes de exploração quanto de resistência, em *Farejador de águas* a água reflete as complexas relações de poder e desigualdade que marcam a trajetória das personagens.

Bruno Latour, no livro *Jamais fomos modernos* (1994), oferece uma importante contribuição para a compreensão da relação entre natureza e cultura, demonstrando que ambas são indissociáveis. O autor argumenta que a divisão entre natureza e sociedade, comuns nas abordagens modernas, é uma falácia, pois esses dois mundos são profundamente entrelaçados e coexistem de forma simbiótica.

Por crer na separação total dos humanos e dos não-humanos, e por simultaneamente anular esta separação, a Constituição tornou os modernos invencíveis. Se você os criticar dizendo que a natureza é um mundo construído pelas mãos dos homens, irão mostrar que ela é transcendente e que eles não a tocam. Se você lhes disser que a sociedade é transcendente e que suas leis nos ultrapassam infinitamente, irão dizer



que somos livres e que nosso destino está apenas em nossas mãos. Se você fizer uma objeção dizendo que estão usando duplicidade, irão mostrar que não misturam nunca as leis da natureza e a imprescritível liberdade humana. Se você acreditar neles e desviar sua atenção, irão aproveitar para introduzir milhares de objetos naturais no corpo social, dotando-o da solidez das coisas naturais (Latour, 1994, p. 42 e 43).

A teoria de Bruno Latour (1994) propõe que elementos naturais não devem ser vistos apenas como um cenário passivo, mas como participantes ativos nas construções culturais e sociais. Ele argumenta que humanos e elementos naturais estão intrinsecamente conectados, e que a modernidade, na busca pelo isolamento desses dois mundos, acaba por ignorar as complexas interações que o envolvem. O desafio para o pesquisador é perceber que, ao invés de serem entidades separadas, a natureza e a sociedade são mutuamente construtivas, formando um único tecido de ações e reações.

Mas a sociedade, como sabemos agora, também é construída, tanto quanto a natureza. Se formos realistas para uma, devemos sê-lo para a outra; se formos construtivistas para uma, também devemos sê-lo para ambas. Ou antes, como nossa investigação sobre as duas práticas modernas nos mostrou, é preciso compreender ao mesmo tempo como a natureza e a sociedade são imanentes - no trabalho de mediação - e transcendententes - após o trabalho de purificação. Natureza e sociedade não oferecem nenhuma base sólida sobre a qual possamos assentar nossas interpretações - assimétricas no sentido de Canguilhem, ou simétricas no sentido de Bloor-, mas sim algo que deveríamos explicar. A aparente explicação que dela provem só aparece posteriormente, quando os quase-objetos estabilizados transformaram-se, após a clivagem, em objetos da realidade exterior, por um lado, e sujeitos da sociedade, de outro (Latour, 1994, p. 95).

José Minino ressignifica a natureza à medida que ele desenvolve formas de se relacionar com o mundo natural, demonstrando como cultura e natureza são mutuamente construtivos, sua habilidade de farejar água é uma manifestação de sua capacidade de interagir com o ambiente de maneira que transcende a simples utilidade prática desse recurso natural.

Em *Farejador de águas* a água não é apenas um recurso natural, mas um agente que influencia e é influenciado pelas ações humanas, moldando a dinâmica de poder e as relações sociais das personagens como demonstra o trecho a seguir:

Quando achava um olho-d'água, então, e os engenheiros iam lá e conferenciavam sobre o que fazer, eu aguardava, agachado, olhando, coração na boca. Iam passar por cima? Não, davam um jeito de preservar, só que tinha um cara mais antigo da turma de reconhecimento que inventou de não gostar disso. Não entendia a importância dessa aguinha boba, ele falava. Que eu parasse de ficar atrapalhando e atrasando o trabalho deles por uma insignificância, advertia. Eu confesso que me espantei; era a primeira vez que via uma pessoa que não amava uma nascente. Comecei a me sentir incomodado quando ele vinha me falar pra manejar. Manear por quê, se eu estava lá justamente pra isso? E então, pela primeira vez na vida, comecei a torcer pra não encontrar nenhuma nascente, era preferível não encontrar nada, mas, quando



encontrava, aí dava o alerta, e tudo parava até chegarem os engenheiros (Silveira, 2023, p. 93 e 94).

Na narrativa de Maria José Silveira, a água é concebida como um elemento dinâmico e complexo, indo além de sua percepção convencional como recurso natural. A água assume um papel ativo, sendo tanto influenciada quanto influenciadora das ações humanas. Esse entrelaçamento mostra a interdependência entre as personagens e o ambiente, revelando como a natureza pode moldar as estruturas sociais. Nesse contexto, os conflitos sociais e culturais que surgem em *Farejador de águas* não podem ser compreendidos sem levar em consideração o papel da natureza como uma força que interage diretamente com as relações de poder, memória e identidade.

Em todo rio por onde passavam, Minino fazia questão de parar, mesmo ficando atrás da tropa. Queria ver melhor e, com sua água, lavar alegre e lentamente o rosto, como se assim se fizesse conhecer. Admirava-se com as cores diversas que adquiriam. Uns de águas claras; uns de cor esverdeada; uns cor de cobre ou de terra; uns de cor escura que nem já fosse noite. E uns de tons encardidos, difíceis de dizer. Fazia em sua cabeça como uma coleção dos rios, riachos, córregos, arroios, lagos e lagoas que ia conhecendo (Silveira, 2023, p. 39).

Em vez de ver a natureza como um espaço externo à cultura, Latour (1994) sugere que devemos entender a natureza como parte ativa da sociedade, com a capacidade de influenciar e ser influenciada pelas ações humanas. Ao invés de estudar natureza como algo separado da experiência humana ou a sociedade como algo isolado de seu ambiente, o pesquisador é convidado a compreender essas duas esferas como parte de um mesmo processo dinâmico, no qual os seres humanos e o mundo natural são cocriadores de realidades sociais, ecológicas e culturais.

Em *Farejador de águas* a água não é apenas um recurso ou um elemento físico, mas um espaço cultural e simbólico que condiciona a história das personagens, conectando-as com as raízes de seu passado e as forças que moldam o presente. O título do romance apresenta a conexão entre o elemento água e a identidade da personagem José Minino e sugere uma relação de busca e conexão com as forças vitais e ancestrais que moldam o passado e influenciam o presente. O termo farejador, além de evocar a imagem de alguém que busca, descobre e desvenda segredos ocultos, enquanto água remete a um elemento essencial e vital, carregado de significados emocionais, históricos e culturais.

A personagem José Minino exemplifica a interconexão entre cultura e natureza, refletindo um processo dinâmico e recíproco de construção de identidade. *Farejador de águas*



pode ser lido como uma metáfora para o processo de descoberta e reconexão com as raízes culturais e naturais, destacando a interdependência entre o humano e o ambiente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem José Minino no romance *Farejador de águas*, demonstra a complexa interdependência entre cultura e natureza, desafiando a dicotomia tradicional que as separa. A partir da relação de José Minino com a água e o ambiente, constata-se que sua identidade e suas ações não podem ser compreendidas sem considerar a constante troca entre o humano e não-humano.

A definição de cultura, apresentada por Roque Laraia (2007), é essencial para compreender como a cultura de José Minino, enquanto prática social e simbólica, se entrelaça com sua relação com o ambiente natural. A cultura, pelo pesquisador, é entendida como um sistema dinâmico de significados, práticas e valores que se constituem na interação dos indivíduos com o meio, e essa concepção reflete na construção da personagem, que, ao interagir com a natureza, ressignifica o mundo que o cerca, ao mesmo tempo que é transformado por ele.

Segundo Latour (1994), a separação entre natureza e cultura é uma construção moderna, uma tentativa de categorizar e isolar esses dois elementos, que, na realidade, estão indissociavelmente conectados. José Minino exemplifica essa interdependência, ao viver em um espaço onde natureza e cultura não são opostas, mas formam um tecido contínuo de ações e reações. Sua habilidade e sua sensibilidade para com a água tornam sua identidade uma construção que reflete a fusão entre saberes culturais e as condições ambientais em que está inserido.

A crítica histórica de Eduardo Galeano (1979) permite uma compreensão de como a exploração colonial e capitalista dos recursos naturais têm moldado as relações de poder e a percepção da natureza na América Latina. A ligação de José Minino com a água não é só uma questão de sobrevivência, mas também uma expressão de resistência a esse processo histórico de exploração, ele se torna uma figura que questiona as práticas de apropriação dos recursos naturais e propõe uma visão mais respeitosa da natureza.

A personagem José Minino manifesta-se como um símbolo de impossibilidade de se separar cultura e natureza. O romance *Farejador de águas* sugere uma reflexão crítica sobre a relação do ambiente e dos seres humanos, demonstrando como a identidade não é só uma construção social, mas também ecológica e leva o leitor a reconsiderar a forma como entende



o mundo ao redor, reconhecendo a interdependência entre o natural e o humano como uma realidade fundamental para a construção de uma visão mais integrada do seu lugar no planeta.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** (mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 4. ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 9. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 21. ed. Rio De Janeiro. Jorge Zahar, 2007.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 1994.

SILVEIRA, Maria José. **Farejador de águas.** São Paulo: Editora Instante, 2023.